

CONJUNTURA

Ameaças do clima: RS vira principal case para o setor

Seguradoras precisam de novos modelos para medir riscos climáticos, apontam executivos que analisam a situação gaúcha

Riscos climáticos foi tema do 1º Fórum IRB (P&D) realizado em meados de setembro, no Rio de Janeiro. O IRB é uma empresa de resseguros, e o evento reuniu representantes de CNseg, Susep, Inmet, Embrapa, Inpe, Cemaden, entre outras instituições e empresas.

Na ocasião, o presidente da CNseg, Dyogo Oliveira, comentou sobre a catástrofe no Estado: “Lamento ver que a proteção que temos no Rio Grande do Sul é de menos

de 10% do tamanho dos prejuízos totais que aconteceram. Temos um grande espaço para ocupar com os produtos já existentes”. Para o dirigente, esse é um dos três desafios para o enfrentamento da situação pelo setor, ou seja, o fato de produtos já existentes não serem usados. Mesmo que a Região Sul, com destaque para os gaúchos, esteja entre os principais consumidores de seguros do Brasil em linhas como automóveis, residências, empresas e agronegócios. O segundo desafio é desenvolver novos produtos e, por fim, a integração com programas públicos, com agendas do governo, como terceiro desafio.

Novos modelos para medir riscos climáticos também estão em pauta no setor. Em recente podcast

da CNseg, Daniel Castillo, vice-presidente do IRB(Re), José Ferrara, CEO da Tokio Marine Seguradora, e Frederico Ferreira, CEO da Austral Seguradora, debateram o fato de que, tradicionalmente, os dados que precificam o risco de hoje têm como base eventos passados. Diante de uma nova realidade imposta pela transição climática, com eventos cada vez mais severos e extremos, como as chuvas no Rio Grande do Sul, mostram que as seguradoras precisam de novos modelos para medir os riscos climáticos.

A CNseg, em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), realiza no dia 19 de outubro, em São Paulo, um workshop sobre riscos climáticos. O evento abordará os modelos de previsão de risco.



Dyogo Oliveira diz que proteção no Estado era de 10% dos prejuízos

O maio atípico

No Brasil, a sinistralidade nos seguros de danos, em maio de 2024, aumentou para 66,1%, ante os 42,1% do mês anterior.

Os sinistros diretos no segmento de danos no estado do Rio Grande do Sul totalizaram R\$ 1,69 bilhão, um

crescimento de 192,5% em relação a abril, quando o valor foi de R\$ 580 milhões.

Os dados foram divulgados em julho deste ano pela Superintendência de Seguros Privados (Susep), no seu relatório Síntese Mensal mais recente.

Efeito enchente

A Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg), com 150 associadas no Estado, vem acompanhando o volume de pedidos para pagamento de indenizações de seguros ligadas à enchente gaúcha. Os números seguem em alta, mas desaceleraram. Foram quatro levantamentos sobre pagamentos solicitados às seguradoras até o fim da apuração desta reportagem:

- 1º Até 24 de maio: R\$ 1,67 bilhão
- 2º Até 19 de junho: R\$ 3,88 bilhões
- 3º Até 31 de julho: R\$ 5,60 bilhões
- 4º Até 20 de setembro: R\$ 6,03 bilhões

No estudo de julho comparado a junho, as solicitações “Outros” foram as que registraram maior alta (65,3%). Em termos absolutos, Grandes Riscos subiu quase R\$ 1,5 bilhão de um mês para outro, alcançando pagamentos superiores a R\$ 2,8 bilhões, sendo até agora o que registrou o maior volume de indenizações.

No levantamento de setembro em relação a julho, os números estão mais estáveis. No total de indenizações, houve aumento de R\$ 435 milhões (+7,8%). A variação percentual abaixo dos 8% ocorre pelo fato de a maior parte dos pedidos já ter sido feita.

Indenizações gaúchas ligadas à enchente

(com valor) avisadas até 20 de setembro

Automóvel 18.086 (R\$ 1,22 bilhões)

Residencial + habitacional 29.783 (R\$ 601,5 milhões)

Agrícola 2.109 (R\$ 177,7 milhões)

Grandes Riscos 822 (R\$ 3,21 bilhões)

Outros* 7.147 (R\$ 821,1 milhões)

Total 57.946 (R\$ 6,03 bilhões)

* “Outros” contempla: Empresarial, Transportes, Riscos de Engenharia, Vida, Máquinas e Equipamentos/ Benfeitorias (Rural) e Riscos Diversos (Patrimonial)



GUSTAVO MANSUR/SECOM/DIVULGAÇÃO/JC

Protagonismo gaúcho

Segundo o Sindicato das Empresas de Seguros do Rio Grande do Sul (Sindseg RS), o RS é o Estado com maior percentual de residências cobertas por seguro residencial no País. Está entre os 5 primeiros com a maior produção de seguros no Brasil. O sindicato conta com 16 empresas associadas.

Alta capilaridade

Há cerca de 8,2 mil corretores no Estado, segundo dados do Sincor-RS, com uma distribuição considerada suficiente, com capilarização destacada em todas as regiões, com destaque por ordem: Porto Alegre e Região Metropolitana, Vale do Sinos, Serra, Planalto, Sul, Central, Vales do Taquari e Rio Pardo, Noroeste, Fronteira Oeste e Litoral. Conforme a entidade, o RS tem uma das maiores taxas de adesão aos seguros, cerca de 8% do volume do País.

Mercado latino

Menos de 1/3 das perdas causadas por catástrofes naturais na América Latina e no Caribe em 2023 tinha a proteção de seguros. Foram US\$ 15,9 bilhões em perdas totais, dos quais apenas US\$ 5,1 bilhões tinham seguro. Dados são de um estudo da Swiss Re, uma das maiores companhias de seguros e resseguros do mundo.

Mudanças climáticas

Em abril a PwC divulgou os dados brasileiros da 9ª edição da pesquisa que analisa e mapeia os riscos do mercado segurador em todo o mundo nos próximos três anos. Mudanças climáticas ficou em terceiro lugar em praticamente todas as regiões, exceto no Brasil, onde figura apenas como a 13ª preocupação. O estudo é publicado a cada dois anos, e esta edição (apurada em 2023) ouviu 589 líderes empresariais em 39 países. Em primeiro lugar aparece o crime cibernético.